
Resiliência em feiras livres: uma análise sob a ótica sistêmica

Resilience in trade fairs: an analysis under the systemic view

FELIPE GERHARD*

VERÓNICA PEÑALOZA**

FÁTIMA REGINA NEY MATOS***

RESUMO

O processo de resiliência das feiras livres, exemplos de sistemas de varejo urbano, lhes permitiu sobreviver ao desenvolvimento das civilizações desde o surgimento das primeiras vilas até as cidades atuais. As feiras vêm acompanhando o processo de evolução das práticas de comércio, bem como, das relações sociais. Esta pesquisa objetiva analisar o processo de resiliência desses sistemas de varejo. A análise será feita por meio das lentes teóricas da Teoria Geral dos Sistemas. Para tal, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa e de caráter exploratório na Feira dos Pássaros, o mercado alternativo mais popular da cidade de Fortaleza-CE. Foram utilizadas como fonte de coleta a observação participante e a entrevista semiestruturada. Como resultado, destaca-se que, embora os feirantes não se entendam como responsáveis pelo desenvolvimento da feira, o processo de resiliência é constituído por fatores que transcendem a visão mercadológica tradicional. As perspectivas social e cultural, as quais são compostas por valores intangíveis que destoam do racionalismo econômico clássico, também são responsáveis pela construção do ambiente e imagem das feiras livres, constituídas por um amálgama de valores, práticas e lógicas entrelaçadas, capazes de erigir e orientar o seu cotidiano.

Palavras-chave: Feiras livres. Resiliência. Teoria Geral dos Sistemas.

* Universidade Estadual do Ceará. Doutorando em Administração pela Universidade Estadual do Ceará. felipegerhard.rns@gmail.com .

** Universidade Estadual do Ceará. Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Ceará. veroniza.penalzoa@uece.br .

*** Universidade de Aveiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Aveiro. fneymatos@globo.com .

ABSTRACT

The resilience process of trade fairs, examples of urban retail systems, permitted them to survive in spite the development of the civilizations since the appearance of the first villages until the current cities. Trade fairs followed the evolutionary process of trade practices, as well, as the social relationships. This research aims to analyze the resilience process of those markets. We examine the trade fair through the theoretical lenses of the General System Theory. To this end, an exploratory and qualitative research was conducted at Birds' Fair, the most popular alternative market at the city of Fortaleza-CE. As resource for data collection were used the techniques of participant observation and semi-structured interview. As main results, we stand out that, the resilience process is not restricted to purely financial factors; the resilience of trade fairs is subordinate not only by a marketing vision, but also by social and cultural practices. Those practices, which are constituted by intangible values contrary to classical economic rationalism, are also related to the building of the environment and image of the fair. This is due a multitude of interlaced values, practices and logics, capable to create and guide its quotidian.

Key-words: Trade fairs. Resilience. General System Theory.

1. INTRODUÇÃO

Devido à interconexão em termos de sociedade, economia e tecnologia, nenhuma organização ou sistema pode sobreviver a adversidades e mudanças ou reter uma posição competitiva como uma entidade independente (MEDD; MARVIN, 2005; BHAMRAA; DANIAB; BURNARDA, 2011; BURNARD; BHAMRA, 2011). Com o intuito de se manter vantagem competitiva, a mudança e a adaptação são exigidas dos sistemas atuais como um movimento obrigatório, em resposta às flutuações ambientais (BURNARD; BHAMRA, 2011). Destarte, tornar-se resiliente, em vista das adversidades que ocasionam ciclos deletérios de retrocesso, é um movimento recomendado a todos os agentes presentes no mercado; porquanto se caracteriza como mecanismo capaz de habilitar indivíduos, organizações ou sistemas a se adaptar a novos riscos advindos do ambiente externo

(BURNARD; BHAMRA, 2011; OZUDURU; VAROL; ERSCOSKUN, 2012; PETRESCU; BHATLI, 2013).

Apesar de se caracterizar como um conceito importante para a avaliação de diferentes sistemas, não há consenso quanto às definições existentes, uma vez que a literatura concernente ao tema ainda permanece incerta quanto ao acesso da resiliência em contextos distintos (HERRMAN ET AL., 2011; BUENO, 2012). Do mesmo modo, no que concerne aos sistemas de varejo urbano, isto é, aglomerados de negócios interdependentes que compartilham o mesmo espaço físico, infraestrutura e imagem (MEDD; MARVIN, 2005; SOUMAGNE et al., 2009; KÄRRHOLM; NYLUND; FUENTE, 2010; ERKIP; KIZILGÜN; AKINCI, 2013), ainda não há consenso quanto à definição ideal de resiliência para análises empíricas (HERRMAN et al., 2011; BUENO, 2012).

As rápidas mudanças que vêm ocorrendo no contexto socioeconômico exigem reestruturações frequentes dos sistemas de varejo urbano tanto formais quanto informais, com pena de perda de participação de mercado ou até mesmo de extinção (BURNARD; BHAMRA, 2011). Há, contudo, maior vulnerabilidade vinculada aos mercados ditos informais por não usufruírem do mesmo poder financeiro e da mesma amplitude mercadológica exercida pelo setor formal (OZUDURU; VAROL; ERSCOSKUN, 2012).

Muito embora as pesquisas em setores formais tenham se intensificado ao longo dos últimos anos, a frequência dos estudos acadêmicos versados aos mercados informais não tem demonstrado o mesmo crescimento (RAJAGOPAL, 2010A; PETRESCU; BHATLI, 2013). Ademais, é possível asseverar que o arcabouço teórico construído pelos trabalhos voltados a tais mercados ainda é muito insípido (RAJAGOPAL, 2010A, 2010B; PETRESCU; BHATLI, 2013; OZUDURU; VAROL; ERSCOSKUN, 2012).

As feiras livres, exemplos de mercados ou sistemas de varejo urbano informais, são tão antigas quanto a sociedade. Segundo Pirrenne (1997), registros do seu surgimento remontam aos primeiros agrupamentos humanos, tendo elas nascido ao redor de aldeias, vilas e cidades; razão pela qual adquiriu a rotulação de anacronismo funcional (PYLE, 1971; SHERRY, 1990a). Este é o principal motivo pelo qual as feiras têm sido omitidas das pesquisas científicas em

ciências sociais aplicadas, porquanto são consideradas uma curiosidade ou retrocesso, ao invés de um objeto de pesquisa. Os trabalhos acadêmicos têm explorado o significado sociocultural desses mercados desde uma perspectiva tempocêntrica e, portanto, tratam os mercados alternativos como um sistema de comercialização de segunda ordem deixando implícita a afirmação de sua inferioridade (SHERRY, 1990B; SHERMAN; MCCROHAN; SMITH, 1985).

Mesmo na era de templos de consumo cada vez mais suntuosos, uma multidão permanece fervorosa e fiel às suas origens e ao hábito cultural de frequentá-las (PANDOLFO, 1987); o que destaca a propriedade desses ambientes em resistir e se adaptar às adversidades e mudanças na conjuntura mercadológica que vêm ocorrendo ao longo do tempo. Sua resiliência é destacada ao se analisar a sua evolução histórica. As feiras resistiram às alterações ocorridas nos sistemas econômicos, do feudalismo para o mercantilismo e, atualmente, para o capitalismo, mudanças na dinamização dos mercados, ampliação do sistema de comércio, por meio da internet e da evolução nos transportes, entre outros.

Destarte, tendo em vista a carência de aportes conceituais mais profundos concernentes à resiliência em sistemas de varejo urbano alternativos (OZUDURU; VAROL; ERSCOSKUN, 2012; PETRESCU; BHATLI, 2013), esta pesquisa objetiva analisar o processo de resiliência desses sistemas de varejo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Breves Reflexões Sobre Sistemas

Desde o surgimento de suas bases conceituais, em meados da década de 1940, por Ludwig von Bertalanffy, a Teoria Geral dos Sistemas tem ganhado notoriedade e atravessado as fronteiras das ciências. Muito embora apresentem especificidades próprias de seus campos de estudo, ao longo das últimas décadas diferentes disciplinas têm sido auxiliadas pela teoria a enfrentar problemas que compartilham elementos teóricos comuns à perspectiva sistêmica (SKYTTNER, 1996; FARIA, 2004).

Valendo-se do arcabouço teórico erigido pela teoria, a abordagem dos sistemas tem sido largamente utilizada em ciências de

perspectivas paradigmáticas distintas. A Teoria Geral dos Sistemas foi originalmente concebida com o intuito de transcender os limites das ciências naturais – utilizadas como suporte por Bertalanffy (2009) para o desenvolvimento da perspectiva, alcançando também o escopo das demais searas do conhecimento (THOMPSON, 1976).

Fundamentalmente, a abordagem representa um modo de pensar a respeito dos componentes constituintes dos denominados sistemas, figuras genéricas que se materializam em organismos ou fenômenos que variam desde espécimes unicelulares até mesmo à biosfera de todo o planeta (WOODWORTH, 1976; BERTALANFFY, 2009). A perspectiva unificadora na qual objetos de diferentes ciências podem ser analisados por elementos teóricos similares representa um olhar diferenciado à realidade (BERTALANFFY, 1976). Dessa forma, a Teoria Geral dos Sistemas representa mais do que a definição científica de teoria reserva ao termo, atingindo, com efeito, o patamar de uma perspectiva paradigmática ou uma metodologia (RAPOPORT, 1976).

Conforme aduz Bertalanffy (1976; 2009), um sistema é definido como um complexo conjunto de elementos em constante e ordenada interação. Tais elementos, acrescenta o autor, interagem tanto entre si quanto com o meio externo a fim de alcançar propósitos específicos. Skyttner (1996) aquiesce as acepções de Bertalanffy (1976; 2009) ao conceituar um sistema como um conjunto de unidades ou elementos interativos que formam um todo integrado destinado a desempenhar determinadas funções.

Quanto às disposições compartilhadas pelos sistemas, Ackoff (1981) define sistema como um conjunto de dois ou mais elementos que satisfazem três condições, quais sejam: i) O comportamento de cada elemento tem um efeito sobre o comportamento do todo; ii) O comportamento dos elementos e seus efeitos no todo são interdependentes; iii) Embora subgrupos de elementos sejam formados, todos têm um efeito sobre o comportamento do todo, mas nenhum tem um efeito independente sobre ele.

Nesse enfoque, partindo-se de uma perspectiva geral para uma dimensão específica, qualquer organismo se caracterizaria como um sistema, uma vez que apresenta uma ordem dinâmica de elementos e processos que subsistem em interação mútua (BERTALANFFY;

2009). É importante, entretanto, que se possua cautela ao se expandir a concepção indiscriminadamente. Deve-se acentuar a evidente diferença, assim como salienta Bertalanffy (2009), da unificação de um organismo individual e a frouxidão de uma associação vegetal, por exemplo. O mesmo raciocínio pode ser estendido à concepção de sistemas sociais e humanos.

Assim como ocorre com os organismos, as organizações são definidas, nesta abordagem, como um complexo conjunto de partes interdependentes com funções e prerrogativas específicas em relação ao todo, que, por sua vez, faz parte de um ambiente ainda mais amplo (THOMPSON, 1976).

A perspectiva sistêmica move-se para além do estudo dos componentes isoladamente, alcançando, acima de tudo, a totalidade estrutural (WOODWORTH, 1976). A abordagem parte da premissa de que o todo é maior do que a soma das partes, depositando, assim, maior importância na estrutura do que em suas unidades (RAPOPORT, 1976; BERTALANFFY, 2009).

O comportamento do todo não é deduzível da soma das partes isoladas, uma vez que ao se tomar um a um os elementos e subsistemas constituintes não são relevadas as relações e interações entre eles (BERTALANFFY, 2009). Infere-se o comportamento das partes, ao contrário, das leis gerais que governam o comportamento do todo (RAPOPORT, 1976). Assim, a estrutura do sistema é, de certa forma, reificada, representando mais do que um simples conglomerado de peças independentes. A estrutura assume, portanto, importância central no estudo sistêmico (RAPOPORT, 1976; WOODWORTH, 1976; BERTALANFFY, 2009).

Com base nas características dos sistemas, destarte, três princípios fundamentais são deduzidos: 1) o todo é maior do que a soma das partes; 2) o todo define a natureza das partes; 3) as partes são dinamicamente inter-relacionadas e interdependentes (BERTALANFFY, 1976, 2009; RAPOPORT, 1976; WOODWORTH, 1976; SKYTTNER, 1996).

Desse modo, a teoria parte de uma estrutura dada, procurando compreender, inicialmente, suas leis gerais e seu padrão de comportamento para, a partir daí, examinar os seus subsistemas, elementos e relações (RAPOPORT, 1976; WOODWORTH, 1976;

FARIA, 2004). O estudo sistêmico é, sobretudo, uma ação sintetizadora, ao invés de um ato analítico elementar (RAPOPORT, 1976; BERTALANFFY, 2009).

Tal concepção, dessa forma, rompe as delimitações teóricas impostas pela posição mecanicista, revelando a inadequação dessa vertente de pensamento (RAPOPORT, 1976). “A abordagem dos sistemas sugeriria ir além do nível mecânico ou clássico para uma maneira bastante diferente de encarar os mesmos fenômenos, mas enxergando alguma coisa a mais” (WOODWORTH, 1976, p. 14). Essa habilidade para olhar e para organizar os fenômenos e objetos, de modo diferente da abordagem mecanicista, é que caracteriza o chamado de pensamento de sistemas (WOODWORTH, 1976).

Embora seja imperativo destacar a sua autonomia, as propriedades dos sistemas os têm levado, sobretudo, à perspectiva de sistemas abertos (WOODWORTH, 1976). Os sistemas abertos se mantêm em constante importação e exportação de elementos com o ambiente que o circunda, bem como, em contínua construção e destruição de componentes (BERTALANFFY, 2009).

A análise das propriedades dos sistemas abertos conduz a uma de suas características fundamentais, a inexistência de fronteiras rígidas entre a sua estrutura e o ambiente que o cerca (BERTALANFFY, 1976). Nessa perspectiva, os sistemas possuem delimitações dinâmicas, que se diferenciam pela flexibilidade que lhes permite manter uma estreita relação com o meio externo (BERTALANFFY, 1976; 2009). Tais fronteiras transcendem a simples definição de perímetro espacial, atingindo patamares superiores de interação e contato com os elementos presentes fora do sistema (BERTALANFFY, 1976).

Segundo Bertalanffy (2009), pode haver subsistemas em equilíbrios dentro de um sistema aberto, mas o sistema em si não pode ser considerado um sistema em equilíbrio. De acordo com o autor, o sistema não atinge um estado de descanso, mesmo ao enfrentar um estado de estabilidade; momento no qual seus elementos desempenham suas funções para a manutenção do todo. O autor também comenta as semelhanças compartilhadas entre o estado de equilíbrio e a morte do sistema; como: o fim das atividades desenvolvidas por suas partes, total independência do ambiente externo, inalterabilidade e continuidade no tempo.

É possível concluir, com base nas acepções evidenciadas, que o equilíbrio é um patamar inatingível aos sistemas abertos. Por sua vez, os estágios de estabilidade, também denominados de estágios estacionários, podem ocorrer regularmente nos sistemas (PARSONS, 1960). Tais estágios são comenos que concentram informações e demandas comuns até o ponto de sua eclosão, evento capaz de dinamizar novamente o sistema (BERTALANFFY, 2009).

De acordo com Rapoport (1976), a capacidade de manter o seu estado organizado em meio à constante turbulência do ambiente é a mais fundamental propriedade dos sistemas. Bertalanffy (2009) corrobora a visão do autor ao asseverar que a disposição suprema dos sistemas é atingir o estágio de estabilidade ao libertar-se das tensões e coações enfrentadas. Tal capacidade traduz-se na tendência dos sistemas em se manterem em estabilidade para o enfrentamento das adversidades externas. Os estímulos são, dessa forma, apreendidos pelos sistemas abertos levando-os, por conseguinte, à anamorfose, i.e. à reestruturação e à busca pelo reordenamento de suas partes. Para a consecução desse processo, ademais, a adaptação, a cooperação e a padronização formam o trinômio basilar à condição interna de manutenção do denominado de estado firme (KATZ; KAHN, 1978).

A abordagem dinâmica dos sistemas abertos, segundo Woodworth (1976), permite que se manipule o problema do crescimento sistêmico ainda que se mantenha um nível estável. Estados estacionários são etapas importantes relacionadas ao desenvolvimento dos sistemas, pois é justamente nessas ocasiões em que o sistema se reorganiza para crescer (BERTALANFFY, 2009; PARSONS, 1960).

O crescimento, na perspectiva sistêmica, é a diferença positiva entre construção e destruição. Contudo, é importante que se ressalte que os sistemas abertos estão em contínua destruição e síntese, decorrente da incessante troca de material com o meio. Quando a construção supera a destruição há um crescimento do sistema, caso contrário, o sistema pode decrescer, ao se averiguar maior destruição do que construção, ou permanecer estável, quando ambos os processos se equilibram (BERTALANFFY, 2009).

O crescimento do sistema é diretamente proporcional ao número de elementos presentes, assim como, da diferenciação desses elemen-

tos (BERTALANFFY, 2009). O progresso do sistema é precedido por um estado de relativa homogeneidade das partes para patamares maiores de diferenciação, articulação e ordem (BERTALANFFY, 2009). Independentemente de suas características, se biológico, psicológico, social etc., os sistemas seguem regras diacrônicas de progresso que os levam a uma crescente diferenciação e organização de seus elementos e processos.

2.2. Sistemas de Varejo Urbano Alternativos: As Feiras Livres

Embora estejam presentes em todo o mundo, fazendo parte da rotina das mais diversificadas culturas, é nas regiões menos desenvolvidas onde as feiras livres geralmente costumam erguer as suas tendas e barracas. Dispostas geralmente em ruas transversais afastadas das grandes avenidas, o cotidiano da população, geralmente menos abastada, é influenciado pela venda dos diversos produtos ofertados nas feiras livres, a preços mais acessíveis e ao alcance de seu orçamento (SHERRY, 1990b).

Além de constituírem a realidade diária de pessoas e cidades, as feiras livres tiveram uma importância fundamental para o nascimento dos primeiros povoados, destaca Pirenne (1997), pois exerceram um papel imprescindível no desenvolvimento das relações comerciais entre diferentes localidades. As feiras arregimentavam os elementos básicos capazes de impulsionar o desenvolvimento dos antigos agrupamentos humanos em grandes centros urbanos, ao supri-los com os bens necessários à sua manutenção e ao lhes proporcionar vínculos econômicos com diferentes regiões (PANDOLFO, 1987; PIRENNE, 1997).

As feiras livres são exemplos de sistemas de varejo urbanos que sobreviveram a mudanças históricas na sociedade (PANDOLFO, 1987; PIRENNE, 1997), como a passagem do feudalismo para o capitalismo; alterações no sistema de produção, da manufatura e artesanato para o industrial; transformações na legislação das nações; aumento da formalidade dos mercados; além da dinamização dos sistemas econômicos, da ampliação sistêmica do comércio por meio da globalização e da internet, entre outros.

Contudo, cabe ressaltar que, apesar de terem se desenvolvido com as primeiras cidades, um processo inverso ocorreu a partir da

segunda metade do século XX, momento em que se acentuou a dinâmica de formalização dos mercados, relegando-as às regiões rurais mais pobres ou subúrbios dos grandes centros urbanos (OLAVARRIETA et al., 2008; PANDOLFO, 1987; RAJAGOPAL, 2010a). Como resultado desse processo, as feiras livres têm recebido a denominação de anacronismo funcional, uma vez que se caracterizaram como mercados ultrapassados em uma era de modernos templos de consumo (PYLE, 1971; SHERMAN; MCCROHAN; SMITH, 1985; SHERRY, 1990a).

Ainda que outrora representassem os únicos locais de comércio para a população, as feiras livres vêm disputando espaço com os modernos centros de consumo em grandes centros urbanos. Para Pandolfo (1987), embora essa prática mercantil seja tradicional em países subdesenvolvidos, as feiras livres continuam a desafiar a economia moderna, porquanto desenvolvem-se paralelamente ao comércio dos armazéns, lojas, supermercados e *shopping centers*. As feiras livres são sistemas de comércio que não somente resistiram e sobreviveram ao avanço dos mercados modernos, mas também se multiplicaram. Tal fenômeno é explicado, em grande parte, pelos benefícios que as feiras oferecem aos seus clientes, bem como, pela identificação dos indivíduos com tais ambientes.

As feiras se caracterizam por possuir pouca regulação governamental e baixas barreiras à entrada, pois não requerem capital muito elevado para instalar o negócio, operam em pequena escala congregando atividades comerciais de baixo capital e, em geral, fazem uso intensivo de mão de obra geralmente de propriedade familiar (OLAVARRIETA et al., 2008; BUSSO, 2010).

Classificar esses mercados como informais, segundo Sherry (1990a), não é estritamente correto, pois, embora ocasionalmente trabalhem comerciantes ilegais, muitos dos vendedores em tais locais estão devidamente registrados nos órgãos públicos responsáveis. O autor propõe que esses ambientes devem ser denominados de mercados alternativos, uma vez que contribuem para a manutenção de um ciclo econômico alternativo de transações, a despeito do canal convencional de compra e venda.

Menezes (2005, p. 12) se vale da expressão polissemia urbana para designar as mais variadas manifestações das feiras, que abrigam

“acontecimentos, encontros, seus personagens, suas mercadorias, seus ritos, sons, cores e cheiros, sua atualidade e atemporalidade que se conjugam formando enfim um complexo mosaico de contradições”. O autor expõe a realidade da feira, salientando a predominância da população menos abastada, atuando tanto como consumidores quanto como vendedores entre as vielas da feira. Contudo, há uma miscelânea de agentes sociais interagindo a todo momento, representando todos os tipos urbanos. Ademais, é facilmente perceptível a atuação de um componente transgressor na feira, pois, devido ao seu caráter díspar, caracteriza-se por uma resistência que preserva hábitos antigos e uma cultura atemporal própria (STEWART, 1982; BELK; SHERRY; WALLENDORF, 1988; SHERRY, 1990b).

As feiras livres são a forma mais antiga de comercialização de produtos alimentícios. Em sua origem, as feiras eram um espaço de troca e constituíam a solução para o intercâmbio do excedente de produção. Em cada lugar adquiriam características particulares, com seus aromas, suas músicas, suas cores, seus produtos, sua gente e, portanto, suas culturas (MENEZES, 2005; BUSSO, 2010).

Os mercados alternativos são vistos como locais que servem, predominantemente, a consumidores de baixa renda, tanto pelas condições de negociação e interação social com vendedores, quanto com pessoas que podem estar mais próximas da condição social do cliente, mas, principalmente, devido ao fato de oferecerem preços menores do que os praticados por supermercados e outros concorrentes (RAJAGOPAL, 2010B; PETRESCU; BHATLI, 2013).

Diversos estudos têm demonstrado que as feiras livres atendem não somente a fatores utilitários, mas também a fatores simbólicos de consumo (RAZZOUK; GOURLEY, 1982; MCCREES, 1984; BELK; SHERRY; WALLENDORF, 1988; SHERRY, 1990A, 1990B; RAJAGOPAL, 2010a). Do mesmo modo, as feiras também se caracterizam por apresentar uma rica variedade de produtos, fortes interações sociais, vívidas impressões éticas, práticas de comercialização diferenciadas como a barganha e a pechincha e experiências de compra excitantes (BELK; SHERRY; WALLENDORF, 1988; SHERRY, 1990B; RAJAGOPAL, 2010a).

Segundo Belk, Sherry e Wallendorf (1988) e Sherry (1990a, 1990b), as interações que ocorrem nas feiras transcendem as frias

relações unilaterais de compra e venda dos mercados formais. Para os autores, tais interações são expandidas nesses locais. O consumidor, dessa forma, estaria livre para negociar, trocar e, até mesmo, barganhar produtos que lhe aprazem, municiado pela lógica coletiva de ganhos mútuos. Da mesma forma, além de variedade e produtos a preços acessíveis, Peñaloza et al. (2015) salientam que os consumidores de feiras livres são atraídos por atributos menos utilitários, como diversão, lazer, amizade e animação.

3. DESENHO E MÉTODO DE PESQUISA

Com o intuito de analisar o processo de resiliência de sistemas de varejo alternativos, foi realizado, segundo a taxonomia de Merriam (2009), um estudo de natureza qualitativa de caráter básico ou genérico. Tal desenho foi escolhido dado que a pesquisa qualitativa básica ou genérica além de pretender descrever, interpretar e entender a realidade de maneira não quantificável, permite ao pesquisador identificar padrões reiterados à guisa de temas e categorias (VERGARA, 2005; MERRIAM, 2009; VIEIRA; RIVERA, 2012).

A pesquisa foi desenvolvida em um único mercado popular da cidade de Fortaleza-CE. A Feira da Parangaba, mais conhecida como Feira dos Pássaros, foi escolhida pelo fato de ser a maior e mais famosa feira livre do Estado. Apesar de existir um cadastro dos comerciantes na Prefeitura de Fortaleza, há centenas de ambulantes ilegais que superpovoam os espaços da feira, vendendo todo tipo de produto, que varia desde objetos pessoais, animais e frutas frescas até televisões, aparelhos de som e automóveis (MENEZES, 2005). Quanto à quantidade de feirantes legais, de acordo com os últimos registros da Prefeitura de Fortaleza, que datam de 2013, haveria cerca de 2.500; o número total de vendedores informais, no entanto, incrementa sobremaneira essa quantidade. Por sua vez, não há dados precisos sobre o número de consumidores que frequentam o local. Ademais, vale destacar que a feira ocorre somente aos domingos, das 6h às 15h.

É relevante que se ressalte a circunstância pela qual a Feira da Parangaba passa no momento de realização da pesquisa. Nos últimos três anos, dois grandes *shoppings centers* foram inaugurados

nas cercanias. Localizando-se exatamente entre os dois empreendimentos, a feira dista cerca de 1 km de ambos. Dessa forma, deve-se destacar que ela enfrenta uma séria ameaça mercadológica capaz de enfraquecer o fluxo de clientes e, por conseguinte, o volume de vendas. Tal evento é ideal para a emergência e análise das capacidades de adaptação e enfrentamento das adversidades da feira (KÄRRHOLM; NYLUND; FUENTE, 2010; ERKIP; KIZILGÜN; AKINCI, 2013).

A pesquisa consistiu em um estudo de cerca de três anos, entre 2012 e 2014, realizado por meio da observação participante. Nesse período, a feira foi visitada pelo pesquisador em mais de 60 oportunidades, o que constitui um total de aproximadamente 180 horas *in loco*. Mais de 50 páginas de material escrito foi levantado com observações em campo e entrevistas informais. Além disso, dez entrevistas semiestruturadas em profundidade (BAUER; GASKELL, 2002), com duração média de cerca de 30 minutos, foram realizadas com vendedores (cinco entrevistas) e consumidores (cinco entrevistas) da feira, totalizando cerca de 140 páginas de transcrição.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os sistemas de varejo caracterizam-se, a despeito de sua complexidade organizada, como simples unidades de atividade funcional inseridas em uma espiral de sistemas gradualmente mais complexos. O fato de possuírem uma grande quantidade de elementos dentro de outros sistemas permite que os sistemas de varejo possam interagir e realizar trocas incessantes com as demais partes e com o meio externo (BERTALANFFY, 1976; 2009; WOODWORTH, 1976). O sistema como um todo realiza câmbios com o ambiente ao se estruturar de acordo com as informações e representações advindas dos agentes externos. Do mesmo modo, os sistemas de varejo urbano necessitam de materiais tangíveis para desenvolver suas atividades, como valores monetários, bens para comercialização, mão de obra, investimentos governamentais, segurança pública etc. Tais aspectos revelam a relativa dependência que tais sistemas possuem do meio, acentuando-se ainda mais as características de sistema aberto apresentadas por esses locais (WOODWORTH, 1976; BERTALANFFY, 1976; 2009).

Grandes eventos como a copa do mundo também prejudicam as vendas na feira, uma vez que, segundo Dona Amélia, 43 anos de idade, as compras dos consumidores menos abastados foram canalizadas para produtos a ela relacionados. “A copa só veio para prejudicar as vendas da gente. De lá pra cá, as vendas ainda não melhoraram [...] Os acontecimentos só vêm para prejudicar, nunca para melhorar”.

A inserção de *shoppings centers* e supermercados nas cercanias foi outro fator que, segundo ela, prejudicou o comércio. Embora outros vendedores não acreditem que a concorrência dessas plataformas de compra tenha afetado as vendas, na feira, Dona Amélia aduz que, para o segmento de vestuário no qual trabalha, o impacto foi significativo. O fato de se poder comprar com cartão de crédito, segundo o Sr. Rubinho, 48 anos de idade, Sr. Miguel, 64 anos, e Dona Amélia, é uma vantagem que distancia o consumidor da feira. Os vendedores concordam que o aluguel e o pagamento das taxas exigidas pelas operadoras de cartão reduziriam bastante o lucro obtido por peça.

Por sua vez, a feira também pode ser prejudicada por ações causadas por seus próprios elementos constituintes. A desorganização dos vendedores, fruto da forma de organização habitual das pessoas, e que se revela como uma limitação institucionalizada, se faz presente e se transmite como um *ethos* aos jovens e novos vendedores. Segundo alguns frequentadores da feira, tal característica não é exclusiva dos vendedores, mas faz parte da cultura da sociedade como um todo.

Para Dona Amélia, suas vendas dependem grandemente de consumidores frágeis e desprotegidos em meio a uma conjuntura que os impele ao endividamento no cartão de crédito. Dessa forma, embora se caracterizem como elementos inevitáveis à estrutura dos sistemas de varejo urbano, os consumidores apresentam uma estabilidade delicada, decorrente, principalmente, do seu pequeno poder aquisitivo; o que instabiliza todo o sistema. Uma prática de comércio sedimentada no cotidiano da feira que reduz as incertezas e a tenuidade provenientes dos consumidores é a venda à vista, embasada na desconfiança dos vendedores. Observa-se que o sistema, dessa forma, cria normas e regulamentos para reduzir os riscos e aumentar a sua consistência interna.

Sr. Miguel, contudo, encontrou uma solução simples e viável para contornar esse problema. Para o feirante, uma associação de cerca de cinco vendedores poderia ser formada para repartir os custos de aquisição da maquineta de cartão de crédito. Embora seja necessário que se implemente a venda a crédito, a confiança entre os vendedores ainda não atingiu esse estágio. A mesma lógica de desconfiança que orienta os vendedores na relação com o cliente os orienta na relação com outros vendedores.

A feira é um grande sistema de cooperação implícita. Embora muitas vezes não se tome conhecimento disso, cada vendedor tem uma parcela importante para a manutenção e desenvolvimento da feira, uma vez que se constitui em mais um negócio com potencial de atração de clientes tanto para si quanto para os seus colegas concorrentes; o que revela a interdependência das partes constituintes do sistema (KATZ; KAHN, 1978; ACKOFF, 1981; SKYTTNER, 1996; BERTALANFFY, 2009).

Quando se está em uma feira livre, está-se em vários locais ao mesmo tempo, observando, pesquisando, aprendendo, economizando tempo e dinheiro, interagindo com diversos vendedores, reencontrando amigos, divertindo-se, pechinchando e negociando produtos de toda sorte. Assim, não é exagero dizer que a feira é uma plataforma muito atrativa de lazer e consumo. Nesse contexto, essa reunião de negócios somente toma forma devido ao fato de ser composta pela congregação do esforço individual de cada consumidor e vendedor.

A dinâmica da relação entre vendedores, bem como, entre estes e os clientes, é embasada no bom humor e na amizade. Mas isso não quer dizer que tudo é permitido. Embora haja, em alguns aspectos, uma conduta solidária entre vendedores e consumidores, que se reflete em práticas como empréstimos, presentes, auxílio nas vendas etc., o dinheiro é uma das molas mestras que fazem girar a mecânica do trabalho na feira, bem como, os objetivos e interesses dos indivíduos. O dinheiro seria um dos fins possíveis, uma vez que se busca maximizar ganhos e reduzir custos; contudo, há dezenas de outros objetivos, componentes e processos no meio.

A luta contra as marcas de grife, elementos alheios ao cotidiano dos vendedores, é outro imperativo na feira. Segundo Dona Amélia,

é necessário que os consumidores entendam que os produtos da feira possuem qualidade similar à dos caros produtos dos shoppings. O que os difere, na verdade, são os altos preços dos produtos de marca. Os consumidores, complementa Dona Amélia, preferem comprar produtos mais caros porque são tolos, influenciados pelo *status* e ideologias sociais; aspectos que acentuariam a instabilidade desses elementos em relação à feira. De fato, entre os elementos constituintes da feira, os consumidores possuem uma das menores aderências ao sistema. Eles podem transitar entre diversos sistemas sem um comprometimento formal. A estrutura dos sistemas de varejo urbano possui essa peculiaridade em relação aos demais sistemas, sua estrutura é formada por elementos fixos e móveis e, acima de tudo, tem a função de integralizar esses elementos transitórios.

As estratégias de venda são, dessa forma, artifícios imprescindíveis para a captação e fidelização dos clientes. Promoções, brindes, bom atendimento, são exemplos de ações indispensáveis para o alcance de tal intento. Do mesmo modo, há uma maior versatilidade na forma de comercialização dos produtos. O final do processo não está engessado na possibilidade única de se realizar uma compra convencional. O consumidor está livre para barganhar, trocar e/ou negociar o produto que deseja. Essa atividade, difícil de se tributar ou mesmo de se inserir sob o crivo da fiscalização, representa uma vantagem sobre o modelo convencional de compra e venda praticado, em geral, pelo mercado formal.

A instabilidade da estrutura econômica, na qual a feira encontra-se circunscrita, também exerce influência significativa sobre os sistemas de varejo urbano. De acordo com o Sr. Fernando, 32 anos de idade, a falta de emprego, questões de ordem salarial, instabilidade no trabalho e a exploração laboral, são motivos pelos quais os vendedores buscam desenvolver o próprio negócio e instalar suas barracas na feira. “Problemas com emprego nos fazem feirantes. Eu tenho formação em torneiro mecânico, mas nunca exerci minha profissão porque nunca tive uma boa oportunidade [...] Os salários formais também são muito baixos”.

Quanto às fronteiras, que delimitam os espaços físicos e intangíveis dos sistemas de varejo urbano, alguns aspectos devem ser considerados (BERTALANFFY, 1976). A feira é a materialização de

um conjunto de atos e práticas que se desenrolam no transcorrer dos dias que a precedem. Tais atividades, desenvolvidas por seus agentes constituintes, não são delimitadas pelas estruturas físicas que restringem o espaço onde a feira ocorre. Elas traspassam o local de evento da feira, adentrando no cotidiano dos seus frequentadores.

Essa ausência de fronteiras rígidas indica haver uma interação muito maior do que se possa intuir entre vendedores, consumidores e a feira. Como exemplo, é possível destacar a conduta do Sr. Messias, que ao surgir uma dúvida ou um interesse relevante, é na feira que ele pensa como local de consulta:

Há também uma questão que é importante ser salientada, o fato de se ir à feira para aprender, conhecer coisas novas. Por exemplo, queria muito comprar um aquário, mas não sabia nada sobre aquários ou como criar peixes. Após algumas semanas conversando com vendedores e outros consumidores, pude comprar um razoável e alguns peixes pro meu neto.

A atuação governamental se caracteriza como uma disfunção sistêmica, uma vez que, de acordo com os vendedores, seria um elemento que chega a ameaçar a continuidade da feira. A atuação do setor público, para eles, é tanto mais embotada, e menos percebida, quanto mais se desce nos degraus da escada social. Auxílios governamentais raramente são recebidos, mas nunca esperados. Intervenções públicas ocorrem de forma esporádica e, em geral, não levam em consideração a opinião dos vendedores e consumidores. O embate entre a atuação do setor público e a querela dos “beneficiados” reivindicando as suas ações é diuturna. Segundo alguns vendedores, as possíveis soluções levantadas pela prefeitura para a correção dos problemas da feira não levam em consideração a opinião dos vendedores, ademais, seriam diametralmente opostas às ideias pensadas por eles. A atuação do setor público deveria ser conjunta, integrada aos demais elementos constituintes do sistema relevando-se a perspectiva dos indivíduos que movem os sistemas de varejo.

Para que esse quadro seja alterado, o Sr. Hamilton sugere que seja implantado um sistema de representação na feira, uma lideran-

ça que atue em nome dos feirantes junto a órgãos públicos, fornecedores e demais instituições sociais. Para ele, é imprescindível a figura de um líder para que haja desenvolvimento. Em tal sistema, alterado periodicamente ou conforme a situação, a figura central do representante da feira seria auxiliada por diretores responsáveis pelos diversos departamentos que a constituem. Dessa forma, tanto os interesses globais quanto os específicos dos vendedores seriam contemplados pela gestão.

Não prescinde, portanto, que sejam repensadas as formas de interação e de relativa dependência do sistema com o meio no qual está circunscrito, observando-se as relações de sujeição e mutualismo existentes.

As feiras livres se caracterizam como uma manifestação da vontade humana, um encontro de pessoas que compartilham, ao menos *a priori*, objetivos comuns, relacionados à comercialização, isto é, compra, venda e troca, de produtos e serviços. Embora a conduta cotidiana de seus agentes constituintes seja orientada, essencialmente, pela perspectiva financeira, ao realizarem suas práticas diárias sob o signo da comercialização e/ou da aquisição monetária, também há um elemento transgressor na feira que foge a explicações meramente econômicas (BELK; SHERRY; WALLENDORF, 1988; SHERRY, 1990A, 1990B; RAJAGOPAL, 2010a).

Lazer e obrigação se confundem, o bom humor está presente tanto nas ocasiões de ócio quanto de trabalho, motivando consumidores e vendedores à feira. E é desse modo que se encara a atividade de compra, polarizada de forma inversa ao que geralmente se imagina, permeada pelo prazer mesmo nas mais simples aquisições. Ao invés de se fatigar ao realizar uma atividade obrigatória, goza-se a oportunidade como um acontecimento lúdico e divertido.

O seguinte excerto, extraído da fala de Dona Júlia, 62 anos de idade, retrata bem a imagem da feira aos consumidores: “Tem movimento, tem barraca, tem comida, tem tudo e o povo gosta [...] É muito conhecida essa feira, os turistas sempre vêm praí [sic], é lotada [...] É como a feira de São Cristóvão [Rio de Janeiro]; vem gente até de fora só pra visitar e comprar na feira”.

Sr. João, 71 anos de idade, que mora nas proximidades da feira, complementa: “A melhor feira da região é essa daqui. Não tem outra

igual não". O aposentado, contudo, lamenta a impossibilidade de não poder mais frequentá-la devido a problemas de saúde. "Hoje não posso mais ir. Mas ia todo domingo para ajudar o meu vizinho com a barraca dele e, depois do serviço, tomar uma cervejinha lá mesmo". Do mesmo modo, o carpinteiro Sr. Nonato, 50 anos de idade, ressalta: "é sagrado! Sempre no final da feira paramos (ele e seu cunhado) lá no espetinho pra comer um churrasquinho com cerveja".

Os agentes da feira se distanciam da concepção de homem robotizado, com comportamentos mensuráveis e previsíveis (RAPORT, 1976; WOODWORTH, 1976). Ao contrário, qualquer tentativa de descrevê-los tomaria sentido diametralmente oposto. Tal concepção deixa de fora todas as formas de criatividade, a expressão cultural, os laços de amizade, o bom humor etc., para tomá-lo por um ser movido unicamente pela sua dimensão econômica. Embora o lucro seja peça fundamental na manutenção das engrenagens da feira, encerrar a profundidade de seus agentes nessa perspectiva seria um tanto quanto limitado.

No que concerne à dinâmica de compra dos consumidores, observa-se a ocorrência de um fenômeno que sincretiza bem ambos os valores de compra: enquanto os fatores utilitários servem de base para a construção do palco, o espetáculo da compra é apresentado pelos atributos hedônicos. Em outras palavras, o valor de compra hedônico permeia o processo de compra coadjuvando, e por vezes assumindo o papel principal, na consecução da atividade de compra (SHERRY, 1990A, 1990B; RAJAGOPAL, 2010a).

Os consumidores da feira formam um grande contingente de consumo que busca ideais diversos daqueles geralmente racionais e simplistas imaginados pelas empresas. O que destaca a feira de um mercado formal é a liberdade de ação que há em seu espaço, pois não existe um relacionamento bilateral pragmático de compra e venda. Esse conceito é expandido na feira. Os consumidores ora se comportam como simples compradores, ora como negociantes; não há limites de interação entre os seus transeuntes. Para muitos, caracteriza-se mesmo como uma segunda casa, onde se tem de tudo ao alcance das mãos.

As feiras livres já estão radicadas na rotina principalmente da população menos abastada (OLAVARRIETA ET AL., 2008; RAJA-

GOPAL, 2010a). Suas atividades proporcionam o sustento e a sobrevivência diária, ou em forma de emprego e renda ou em forma de produtos acessíveis adequados à realidade por eles enfrentada. De maneira análoga, há uma identidade étnica-cultural entre esse arquétipo de mercado e a vida cotidiana de uma grande massa de indivíduos (RAJAGOPAL, 2010a). Desse modo, a feira representa um modelo que satisfaz muito bem a necessidade de um grande número de pessoas, e alterações mais ou menos profundas em sua estrutura provavelmente seriam vistas como uma tentativa de alterar um processo tradicional e benéfico para a população. Há, nesse sentido, uma forte inter-relação entre consumidores e vendedores; ressaltando-se, sobretudo, a totalidade estrutural da feira.

O desenvolvimento da feira ocorre de forma no mínimo curiosa. Embora se caracterize, tanto para consumidores quanto para vendedores, como a melhor e mais conhecida feira da cidade, a feira da Parangaba se desenvolve sempre à margem, expandindo os limites de compreensão do comércio e dos sistemas de varejo urbano. A feira apresenta características singulares que destoam completamente das encontradas em outras plataformas de comércio, como, por exemplo, funcionar aos domingos, comercializar itens de segunda mão, livres de impostos, permitir a troca, a negociação de produtos, a pechincha, entre outros.

A troca e a negociação de produtos de segunda mão são comentadas por Reginaldo, 47 anos de idade, que costuma frequentar a feira, principalmente, devido à possibilidade de se “fazer o rolo”, prática comum nos corredores da feira. Segundo ele, “quando se tem uma peça em casa se leva pra ‘fazer rolo’, você tem uma coisa velha em casa e chega e: ‘troca aqui por essa daqui e tal’, ‘tem como a gente fazer um rolo aí?’ Aí fica uma coisa pela outra”. Contudo, como ele mesmo complementa, o processo de negociação na feira significa a arte de desvalorizar ao máximo o bem alheio.

Essa visão, que assemelha a feira a um grande palco de eventos montado para que sejam desenvolvidos os jogos entre seus elementos constituintes, demonstra a estreita e peculiar relação entre consumidores e vendedores; que, por vezes, permutam de papel atuando tanto à guisa de vendedores quanto de compradores. As

interações são intermediadas pela lógica do jogo, da negociação, o que aumenta a eficiência entre as trocas de produtos entre as partes.

A inovação é outra característica presente no cotidiano da feira, constituindo uma norma ou princípio estrutural que orienta as suas atividades. É fácil perceber a influência da inovação como elemento modificador de práticas, atos e hábitos no dia a dia da feira. A inovação é sentida, principalmente, nos produtos vendidos, sempre buscando-se atender às necessidades emergentes dos consumidores. Muitos dos itens vendidos foram fragmentados e “subfragmentados”, sempre com o intuito de se atender às mais específicas necessidades dos consumidores: hélice de ventilador, molas, botões, cabo de chave de fenda, pedaços de canos e toda sorte de barracas cada vez mais exóticas, que vão desde drogarias e bancas de animais, a *sexyshops* e rezadeiras.

Vários entrevistados comentam que, ao necessitar comprar itens muito específicos, que dificilmente encontrariam em lojas convencionais, recorrem à feira como o local mais propício para encontrá-los. Peças de eletrodomésticos para a Sra. Júlia, galinhas e cabras para o Sr. Messias, ferramentas ou componentes eletrônicos para o Sr. Nonato, o Sr. Reginaldo; sempre, quando for o caso, com a possibilidade de se encontrar itens de segunda mão bem mais em conta.

A inovação nos produtos e serviços se reflete também nas novidades trazidas pelos vendedores, sempre atualizados com os últimos lançamentos do mercado; isso não significa que as novidades, diga-se de passagem, necessariamente sejam originais.

É curioso como em meio à profusão de produtos alguma ordem parece emergir. Diante de centenas de barracas vendendo peças de roupas para todos os públicos, parece haver uma intrigante diferenciação dos itens vendidos. Há, de certa forma, uma preocupação em comercializar artigos que difiram, ao menos minimamente, dos já vendidos.

Não obstante a forte presença de artigos modernos e inovadores, os produtos populares ainda são muito comuns e procurados na feira, evidenciando o sincretismo do contemporâneo e do antigo; relação que constrói o cotidiano da feira.

A feira também funciona, por vezes, como uma espécie de vitrina, onde os vendedores expõem os seus produtos para realizarem os seus negócios em outro momento. Rubinho entrega cartões de visita, repassa o endereço e o número de telefone da sua loja de equipamentos eletrônicos. Contudo, a sua loja formal serve apenas de extensão da barraca da feira. Segundo ele, cumpre função de apêndice, um grande almoxarifado para estoque de produtos, uma vez que a plataforma de negócios mais lucrativa é a feira; Rubinho chega a alcançar o lucro de duas ou três semanas corridas na loja em um único dia na feira.

Outro tópico que merece ser acentuado como um movimento obrigatório aos sistemas de varejo urbano é a necessidade de integralização (PEARSONS, 1960; BERTALANFFY, 1976; 2009; SKITTNER, 1996). É imperativo ao sistema de varejo a ação de integrar clientes, vendedores, governo, sociedade local, concorrentes, turistas, além de integrar histórias e laços para a solidificação de sua imagem e do seu desenvolvimento.

Contudo, integralizar pressupõe uma ação aparentemente difícil de se realizar: a de pensar no sistema de forma holística e colocar as necessidades do todo acima das pessoais. É possível aferir que, de fato, pensa-se no outro, mas não no coletivo; essa lógica guia ações que, à primeira vista, aparentam contraditórias. Por exemplo, é possível citar o ato comum de ajudar um amigo a limpar a frente da barraca, mas jogar o lixo em uma área inapropriada, prática corriqueira entre os vendedores. A solidariedade está presente, embora não tenha se expandido a ponto de englobar todo o espectro da feira.

Por sua vez, apesar de dificuldades ocasionais em sua implementação, a integração é um processo que ocorre, até certa medida, de forma inelutável. A sua ação já é sentida, por exemplo, ao promover a associação de plataformas de consumo aparentemente antagônicas. A instalação de um grande supermercadista, cerca de 50 metros das primeiras barracas, foi uma estratégia proveitosa para os dois mercados: a feira ganhou um estacionamento e mais um (grande) feirante, atraindo ainda mais clientes; o supermercado ganhou os lucros do serviço de estacionamento, e também ganharam os clientes queixosos com a falta de higiene ou qualidade de alguns produtos, principalmente perecíveis. Relações mutualistas

similares ocorrem com outros empreendimentos da região, como *shopping centers*, restaurantes, entre outros. Essas relações dão mais uma prova da flexibilidade das fronteiras que delimitam os sistemas de varejo urbano.

Cumprir destacar, ademais, que assim como evidenciado pela teoria dos sistemas abertos, os estágios estacionários fazem parte do processo de desenvolvimento dos sistemas de varejo urbano (PARSONS, 1960; BERTALANFFY, 1976; 2009). Tais comenos são importantes para que o sistema consiga acumular potencialidades competitivas e se reordenar com o intuito de reagir às alterações no ambiente externo (RAPOPORT, 1976 WOODWORTH, 1976; BERTALANFFY, 2009). Dessa forma, para sistemas de varejo urbano, desfruir de tais estados é uma propriedade chave para o seu processo de resiliência.

Os estágios de estabilidade parecem sempre preceder um evento de transformação significativa na feira. Mudanças como a alteração de local, o que já ocorreu em outras oportunidades, e a última vez há aproximadamente 20 anos, fiscalização e/ou recadastramento realizado pela prefeitura, melhoria da infraestrutura, inserção de um novo empreendimento nas cercanias etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos aportes emersos pela pesquisa, constata-se a presença de uma trama de valores, práticas e lógicas entrelaçadas que erigem e orientam o cotidiano e, por conseguinte, o processo de resiliência da feira; entre as quais se destacam as seguintes:

- i. os agentes constituintes da feira não são guiados por móveis estritamente realistas e utilitários;
- ii. não obstante a falta de pensamento sistêmico, os agentes da feira não são individualistas ou irresponsáveis; atuam em função da satisfação de necessidades urgentes, relacionadas à dimensão econômica de acúmulo de bens tangíveis, bem como do alcance de benefícios imateriais, que se traduzem em sociabilização, amizade, consumo simbólico, cultura, prazer, entre outros;
- iii. as formas de trabalho dos vendedores da feiras não são

- desenvolvidas de modo desorganizado. Apesar da falta de estrutura do ambiente, há estratégias, métodos e complexas formas de agir que orientam as suas ações;
- iv. do mesmo modo, as formas de comércio são caracterizadas por um complexo jogo de interações entre consumidores e vendedores que cumprem papéis momentaneamente rivais;
 - v. os princípios da solidariedade e cooperação são práticas sociais tácitas, que guiam os padrões de comportamento, regras e valores no seio do sistema de varejo;
 - vi. tais valores, assim como os demais listados, são padrões culturais transmitidos e compartilhados, como pressupostos básicos a serem seguidos, por determinados grupos de distintos estratos sociais (i.e. um sistema que compreende a feira);
 - vii. a dinâmica da feira é facultada por moedas correntes que se caracterizam como a substância que une os seus elementos. Itens como ativos financeiros, informações pertinentes ao desenvolvimento das práticas diárias, força de trabalho, influência social e as relações com setores públicos e privados são algumas dessas principais moedas correntes;
 - viii. a inovação e a manutenção das raízes étnico-culturais são princípios estruturantes, capazes de sincretizar o contemporâneo e o antigo; relação que constrói o cotidiano da feira;
 - ix. o rompimento de fronteiras é um movimento que, auxiliado pela identidade étnico-cultural, adentra o cotidiano dos agentes constituintes do sistema de varejo; extinguindo, assim, barreiras físicas, temporais e cognitivas de seus membros;
 - x. é imperativo ao sistema de varejo a ação de integralizar. A integração exige um movimento de reciprocidade, reordenação e troca de materiais entre os seus elementos; ao passo que a sua cristalização poderia ocasionar dependência entre os seus componentes, seu objetivo é solidificar a imagem e o desenvolvimento do sistema.

Por fim, é possível depreender que os sistemas de varejo urbano, em especial as feiras livres, compartilham diversas propriedades com os sistemas abertos. Além de apresentar um inevitável e

contínuo intercâmbio de materiais entre o sistema e o meio exterior (WOODWORTH, 1976; BERTALANFFY, 1976; 2009), expressos na forma de objetos tangíveis ou intangíveis, os sistemas de varejo urbano também possuem qualidades outras que os definem como sistemas abertos, tais como: propósitos que orientam as atividades do sistema (ACKOFF, 1981; SKYTTNER, 1996; BERTALANFFY; 2009), ordenamento interno de suas partes (KATZ; KAHN, 1978; BERTALANFFY, 2009), interdependência de seus muitos elementos constituintes (THOMPSON, 1976; ACKOFF, 1981; BERTALANFFY, 1976, 2009), princípios diacrônicos de progresso (BERTALANFFY, 2009), estágios de estabilidade em seu desenvolvimento (PARSONS, 1960; BERTALANFFY, 1976, 2009), preservação da identidade estrutural ao longo do tempo em detrimento das variações externas (ACKOFF, 1981; BERTALANFFY; 2009), e a ideia de que a totalidade do sistema é maior do que a soma de suas unidades (WOODWORTH, 1976; RAPOPORT, 1976; BERTALANFFY, 2009).

Como sugestões para pesquisas futuras, propõe-se o estudo da dinâmica de aprendizagem entre os agentes constituintes da feira, bem como, a sua transmissão de geração a geração. A importância de tal intento reside no fato de a aprendizagem caracterizar-se como um fator não prescindível ao processo de resiliência.

Do mesmo modo, aponta-se o estudo da contribuição desempenhada pela estratégia de cooperação entre os agentes constituintes do mercado no processo de resiliência, uma vez que o auxílio mútuo coadjuvaria na capacidade sistêmica de se reorganizar, reagir e se desenvolver em meio às ameaças e adversidades externas. A cooperação, ademais, caracteriza-se como uma solução frente aos problemas ambientais enfrentados pelo sistema.

Por fim, sugere-se que o estudo das feiras deve assumir caráter antropológico frente ao avanço das formas hodiernas de comércio. As feiras livres estão para os mercados modernos assim como as sociedades primitivas estão para as sociedades atuais. Embora tenham se modificado ao longo dos séculos, decorrente dos fluxos de demanda emergentes e do aumento da complexidade dos mercados, fruto da inserção de variáveis e atores outrora inexistentes, as interações no seio das feiras livres, como foi possível constatar na pesquisa, também refletem formas anacrônicas de relação comercial.

Assim, uma pesquisa embasada nos pressupostos da antropologia econômica seria capaz de alcançar a pluralidade de práticas de comércio originais que florescem do cotidiano da feira.

REFERÊNCIAS

- ACKOFF, R. **Creating the Corporate Future**. New York: John Wiley, 1981.
- BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BECKER, H. S.; GEER, B. **Participant observation and interviewing: A comparison**. Human Organization, vol. 16, n. 3, p. 28-32, 1957.
- BELK, R.; SHERRY, J.; WALLENDORF, M. A naturalistic Inquiry into buyer and seller behavior at a Swap Meet. **Journal of Consumer Research**, vol. 14, n. 4, p. 449-470, 1988.
- BERTALANFFY, v. L. **Teoria Geral dos Sistemas: aplicação à Psicologia**. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Teoria Geral dos Sistemas*, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1976.
- BERTALANFFY, v. L. **Teoria Geral dos Sistemas**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BUSSO, M. **Las ferias comerciales: también un espacio de trabajo y socialización. Aportes para su estudio**. *Trabajo y Sociedad*, vol. 16, p. 105-123, 2010.
- COMPANION, M. **The underutilization of street markets as a source of food security indicators in Famine Early Warning Systems: a case study of Ethiopia**. *Disasters*, vol. 32, n. 3, p. 399-415, 2008.
- ERKIP, F.; KIZILGUN, O.; AKINCI, G. M. **Retailers' resilience strategies and their impacts on urban spaces in Turkey**. *Cities*, vol. 36, p. 112-120, 2014.
- HAGUETTE, M. T. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- KÄRRHOLM, M.; NYLUND, K.; FUENTE, P. P. **Spatial resilience and urban planning: Addressing the interdependence of urban retail areas**. *Cities*, vol. 36, p. 121-130, 2014.
- KATZ, D.; KAHN, R. L. **The social psychology of organizations**. Michigan: Wiley, 1978.
- MCCREES, C. Flea market. **Psychology Today**, vol. 18, n. 3, p. 47-53, 1984.
- MENEZES, V. **As feiras-livres em Fortaleza – retrato da polissemia urbana**, 2005, 130s. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005.
- MERRIAM, S. B. **Qualitative Research: A Guide to Design and Implementation**. San Francisco: John Wiley & Sons, 2009.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Abrasco, 2004.

OLAVARRIETA, S. et al. Un análisis a los atributos relevantes de los mercados de las pulgas para los compradores: Evidencia desde América Latina. **Revista de Ciencias Sociales**, vol. 14, n. 3, p. 468-478, 2008.

OLIVEIRA, F. O.; WERBA, G. C. **Representações Sociais**. In: STREY et al. (Org.). *Psicologia Social Contemporânea*, 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

OZUDURU, B. H., VAROL, C. Y ERCOSKUN, O. Y. **Do shopping centers abate the resilience of shopping streets?** The co-existence of both shopping venues in Ankara, Turkey. *Cities*, vol. 36, p. 145-157, 2014.

PANDOLFO, M. Feira de São Cristóvão. **A reconstrução do nordestino num mundo de paraíbas e nortistas**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1987.

PEÑALOZA, V. et al. **Consumo en mercados alternativos para baja renta:** Un estudio de la Feria de Parangaba-Brasil. *Polis (Santiago)*, vol. 14, n. 41, p. 481-497, 2015.

PETRESCU, M.; BHATLI, D. Consumer behavior in flea markets and marketing to the Bottom of the Pyramid. **Journal of Management Research**, vol. 13, n. 1, p. 55-63, 2013.

PIRENNE, H. **As cidades na idade média**. Lisboa: Europa-América, 1997.

PYLE, J. Farmers' markets in the United States: functional anachronisms. **Geographical Review**, vol. 61, p. 167-197, 1971.

QUEIROZ, D. T. et al. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista de Enfermagem da UERJ**, v. 15, n. 2, p. 276-283, 2007.

RAJAGOPAL. Coexistence and conflicts between shopping malls and street markets in growing cities: analysis of shoppers' behavior. **Journal of Retail & Leisure Property**, vol. 9, n. 4, p. 277-301, 2010a.

RAJAGOPAL. Street markets influencing urban consumer behavior in Mexico. **Latin American Business Review**, vol. 11, n. 2 p. 77-110, 2010b.

RAPOPORT, A. **Aspectos matemáticos da análise geral dos sistemas**. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Teoria Geral dos Sistemas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1976.

RAZZOUK, N.; GOURLEY. **Swap meets:** profile of shoppers. *Arizona Business*, vol. 29, p. 8-12, 1982.

ROSS, D. D.; KYLE, D. W. **Qualitative inquiry:** a review and analysis. In: AMERICAN EDUCATIONAL RESEARCH ASSOCIATION ANNUAL MEETING. January 6-7, 1982, Washington, USA. *Proceedings...* Washington: USA, 1982.

SHERMAN, E.; MCCROHAN, K. Y.; SMITH, J. D. **Informal retailing:** an analysis of products, attitudes, and expectations. *Advances in Consumer Research*, vol. 12, n. 1, p. 204-208, 1985.

SHERRY, J. F. Jr. A Sociocultural Analysis of a Midwestern American Flea Market reviewed. **Journal of Consumer Research**, vol. 17, n. 1, p. 13-30, 1990a.

SHERRY, J. F. Jr. Dealers and dealing in a periodic market: informal retailing in ethnographic perspective. **Journal of retailing**, vol. 66, n. 2, p. 174-200, 1990b.

- SKYTTNER, L. **General Systems Theory: an Introduction**. London: Macmillan Press, 1996.
- STEWART, S. **On Longing**: Narratives of the Miniature, the Gigantic, the Souvenir, the Collection. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 1982.
- STUMPP, E. **New in town?** On resilience and “Resilient Cities”. *Cities*, vol. 32, p. 164-166, 2013.
- THOMPSON, J. D. **Modelos de organização e sistemas administrativos**. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Teoria Geral dos Sistemas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1976.
- VERGARA, S. C. **Projetos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.
- VIEIRA, A. M.; RIVERA, D. P. B. A Hermenêutica no Campo Organizacional: duas possibilidades interpretativistas de pesquisa. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, v. 14, n. 44, p. 261-273, 2012.
- WOODWORTH, W. P. **Introdução à edição brasileira – Perspectivas sobre Teoria dos Sistemas**. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Teoria Geral dos Sistemas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1976.
- ZINKHAN, G. M.; FONTENELLE, S. M.; BALAZS, A. L. The structure of São Paulo street markets: involving patterns of retail institutions. *The journal of consumer affairs*, vol. 33, n. 1, p. 3-26, 1999.

Recebido em: 23-5-2017

Aprovado em: 10-10-2017

Avaliado pelo sistema double blind review.

Editor: Coordenação do PPGA/UMESP

Disponível em <http://mjs.metodista.br/index.php/roc>